



ALMAS QUEBRADAS

BRO KEN

QUEBRANDO REGRAS

01

L I Z S P E N C E R

AUTORA COM MAIS DE 5 MILHÕES
DE LEITURAS NA INTERNET

Copyright © 2017 Liz Spencer

1ª Edição

Todos os direitos reservados.

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Ilustração e Capa: ML Capas

Revisão: Sisa Lício

Diagramação Digital: ML Capas

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos nela descritos são produto da imaginação da autora e usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com nomes, datas, pessoas, vivas ou mortas, e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico

ou físico sem o prévio consentimento por escrito da autora,
exceto no caso de citações.

Nenhuma parte deste livro pode ser carregada sem a
permissão da autora, nem ser de outro modo circulado em
qualquer outra plataforma diferente daquela em que é
originalmente publicado.

A autora reconhece o status de marca registrada e a
propriedade da marca registrada de todas as marcas, sejam
elas quais forem, mencionadas neste livro.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua
Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

Sumário

[Sinopse](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[1: Em Pele de Cordeiro](#)

[2: O Bote](#)

[3: Mostrando as Garras](#)

[4: Sem Rastros](#)

[5: Fogo e Pólvora](#)

[6: Que Comecem os Jogos](#)

[7: Meu Passado, Minhas Marcas](#)

[8: A Chance](#)

[9: Em Maus Lençóis](#)

[10: Contratempos](#)

[11: Ligando os Pontos](#)

[12: No Inferno Faz Frio](#)

[13: A Busca](#)

[14: A Luz](#)

[15: O Primeiro Toque](#)

[16: Problemas Ocultos](#)

[17: Mudança de Planos](#)

[18: A Jogada Perfeita](#)

[19: Bonnie & Clyde](#)

[20: Boas Garotas Preferem os Caras Maus](#)

[21: Caras Maus Preferem as Más Garotas](#)

[22: Bem-Vindos à Scout Lake](#)

[23: Boa Vizinhança](#)

[24: Up in Flames](#)

[25: Armas e Rosas](#)

[26: Roleta-Russa](#)

[27: Feliz Aniversário](#)

[28: Quando os Demônios Amam](#)

[29: Inferno no Paraíso](#)

[30: A Volta](#)

[31: Segredos Revelados](#)

[32: Primeiro Passo](#)

[33: Segundo Passo](#)

[34: Grand Finale](#)

[35: No Covil do Lobo](#)

[36: Tensão](#)

[37: Combustão](#)

[38: Os Pingos Nos Is](#)

[39: Despedidas](#)

[40: Regresso](#)

[41: Fantasmas Não Batem Na Porta](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos:](#)

[Playlist:](#)

[Sobre a Autora](#)

[Leia Também](#)

Sinopse

Uma coisa é certa sobre mim: eu estou longe de ser bom.

Não se iluda com o meu olhar, tampouco com as minhas palavras. Eu posso ser bem convincente quando quero.

Eu não estou aqui para ser o cara dos seus sonhos, muito menos o seu príncipe encantado. Minha sina é derramar sangue. Não tenho orgulho; não tive escolha; não sou herói, mas não me considero vilão.

Se eu sei amar? Já amei uma vez. Uma única e derradeira vez. Ela me foi tirada da forma mais cruel possível, o que não só alimentou o ódio que eu já sentia, como me fez nutrir um intenso desejo de vingança.

Eu só não sabia ao certo como executar isso, até descobrir a existência dela.

Não citaremos nomes, mas digamos que ela era tudo aquilo que faltava em mim. Ela era luz enquanto eu era o breu, ela simbolizava vida, eu alimentava a morte. Boa, pura e inocente. De fato, uma presa fácil, e eu me aproveitei disso da forma mais atroz possível para pôr em prática o meu plano de

vingança. Se eu sinto culpa? A culpa foi-se junto com a minha capacidade de amar.

Quem é ela? Eu gosto de compará-la a um anjo.

E quem sou eu? Bem, meu caro... eu sou o pior e o mais sujo dos demônios.

Epígrafe

“A vingança é uma espécie de justiça selvagem.”

— Francis Bacon.

Prólogo

Derek

Nova York, quatro anos atrás.

Dizem que o ser humano, por segundos antes de morrer, tem um rápido e nostálgico *flashback* de toda sua vida.

Eu tinha a nítida impressão de estar numa vazia sala de cinema, vendo um filme triste e vergonhoso de todas as minhas ações passadas. É neste momento que você para e pergunta a si mesmo se fez algo de útil em sua existência de merda. Se fez alguém sorrir, se matou a fome de um ser vivo... enfim, se cometeu um ato importante ou se apenas manteve sua bunda no sofá de casa assistindo às notícias do CNN e se lamentando das catástrofes mundiais.

Eu sabia que não havia sido um cara bom e não me orgulhava, muito menos escondia isso. Meus defeitos? Eram muitos. Meus pecados, imperdoáveis. Mas eu não tinha medo de morrer.

O sabor metálico do sangue era intenso. O inchaço em meus olhos me impedia de enxergar corretamente. Me encolhi na areia macia e alva e involuntariamente gemi quando um pé

revestido por um caro sapato italiano acertou em cheio um ponto logo abaixo das minhas costelas.

— Eu só vou perguntar mais uma vez — sibilou o homem diante de mim, sua voz fria e letal como lanças afiadas. — E espero que você colabore.

Não me movi. Estava incapacitado de o fazer. Apenas ouvi sua voz rouca soar pausadamente logo acima da minha cabeça:

— Onde. Está. O meu. Dinheiro?

— Eu não sei... — aquilo me rendeu uma dor aguda no estômago quando fui atingido novamente. Meus olhos ardiam com a areia que havia neles e meu cérebro parecia estar solto em seu recanto.

— Mentiroso! — bradou, irado. — Por que diabos você ainda insiste em defender aquela vagabunda? — ele puxou meus cabelos com força, até que uma dor pungente atingisse em cheio o meu couro cabeludo. — Ela vai acabar com você, seu idiota. Achei que valesse mais que isso!

Foquei mais uma vez no corpo imóvel de Samantha. Um fino filete de sangue escorria de sua testa, onde havia levado uma coronhada, pingando sobre a areia da praia.

Eu havia lhe trazido a este inferno, pensei.

Nós arquitetáramos um plano de fuga, assim que percebemos não ser mais possível continuarmos às escondidas. Eu possuía dinheiro suficiente para sustentar a nós dois, mas ela havia insistido em tirar algo de Marcel, a fim de levar para sua família em *Wyoming*. Aquele fora nosso erro. Marcel dera falta do dinheiro antes mesmo que estivéssemos fora do estado e nos armou uma emboscada, apanhando-nos indefesos e desarmados.

Se fosse em outras circunstâncias, eu não hesitaria em enfiar uma bala bem no meio de seu crânio. Ele era odioso, deplorável e nojento. Mas eu estava em desvantagem. Fui pego de surpresa, desarmado, estava ferido e a mulher que eu amava se encontrava inconsciente.

Aquela noite não terminaria bem.

— Você me decepcionou, Derek — disse ele, o sarcasmo escorrendo pelos caninos feito o veneno de uma cobra. — Um cara tão cheio de si, cometer a estupidez de cair na tentação e deixar-se levar por uma vagabunda. Estou entristecido, mas eu vou te dar mais uma chance. Eu sei que você não teve culpa, companheiro. Tudo foi por influência dela, não é mesmo? Aquela mulher é manipuladora. Nós temos algo em comum, fomos iludidos por ela e eu me compadeço por você.

Tentei controlar minha respiração acelerada, conforme rolava para fitá-lo.

— Culpe a mim, Marcel. Ela não tem nada a ver com isso.

— *Tsc tsc*, Derek, ouça só você! — ele balançou a cabeça.
— Está me assustando, homem. Vamos fazer assim... eu cortarei o mal pela raiz, o que acha? Pouparei o seu sangue e esquecerei o dinheiro que me roubaram. Irei esquecer até mesmo o plano de fuga de vocês dois — não precisei perguntar para saber o que ele queria com aquilo. — Azael, traga-a.

— Não! — arrastei-me pelo chão, tentando me erguer, mas uma dor aguda me atingiu o ombro e cessou meus movimentos.

Despertando, Samantha murmurou meu nome. Seu corpo foi sustentado pelos braços enormes do capanga de Marcel e erguido do chão. Ouvir sua voz tão fraca e rouca me deixava angustiado. Fazia um bom tempo que eu não me sentia assim, e eu não gostava nem um pouco daquela sensação.

— Porra, Marcel! — grunhi. — Solte-a. É a mim quem você quer. Fui eu quem roubou o dinheiro.

— Isso é mentira! — Samantha se manifestou. — Eu roubei. E eu dei fim no seu dinheiro de merda, Marcel.

Um violento tapa vibrou a sua face esquerda, fazendo com que seu rosto bonito adquirisse um tom rubro. Me odiei naquele

momento por não poder fazer nada para protegê-la.

— Eu tenho ciência disto, vagabunda! — Marcel rugiu, os lábios bem próximos ao rosto de Samantha. Ao se virar para mim, o sorriso diabólico estava presente em sua boca novamente. — O que você acha da ideia de eu matá-la agora, Derek? — ele puxou-a pelos cabelos. Samantha gemeu, mas manteve-se firme. — Eu posso fazer de forma lenta e agonizante... — ele desembainhou uma faca de algum lugar em suas costas, colocando diante do pescoço dela — ou eu posso ser piedoso e tornar isso rápido.

Enquanto as palavras podres deslizavam da boca de seu chefe, Azael compreendia a mensagem, sacando uma arma do coldre em sua calça e apontando para Sam.

Marcel continuou:

— Vou permitir que você escolha, Derek. Seja rápido.

Eu não sei ao certo quanto tempo a mente humana custa para raciocinar em momentos difíceis, afinal, cada um reage de uma determinada maneira. Mas o meu cérebro estava em torpor naquele momento. Era como se eu estivesse anestesiado e os pensamentos custassem a se desenrolar.

Eu não iria devolver o dinheiro por dois motivos: um, a grana já havia sido enviada para a família de Samantha e, dois:

eles nos matariam sem pensar duas vezes, assim que o dinheiro estivesse em suas mãos.

Com certa dificuldade, sentei-me. Samantha me olhava com um brilho conhecido nos olhos. Não havia medo, apenas uma determinação e uma coragem que eu não sabia de onde ela havia tirado. Nós dois estávamos cientes do que aconteceria. Nós dois sabíamos que aquele era o fim da linha.

Marcel colocou-a de pé. Admiração me envolveu ao observar seus cabelos escuros e compridos se esvoaçarem com a brisa gelada. Era madrugada e a lua, lá do alto, derramava em sua pele macia uma luz prateada.

Samantha era linda.

Era minha.

E Marcel queria tirá-la de mim.

Coragem foi empurrada para cada zona do meu cérebro, impulsionando o meu corpo em um avanço certo na direção de Marcel. Assustado com o meu gesto repentino, o homem deixou cair a faca. Não hesitei ao puxá-lo pela gola da impecável camisa social e lhe dar um soco, fazendo-o tombar na areia novamente.

— Desgraçado! — rugiu, alcançando a arma em suas costas. Em um movimento rápido, consegui com que a pistola

voasse longe.

Agradei aos anos de experiência árdua com a luta, que me ajudaram a ser ágil, dando socos e mais socos em Marcel até que eu o tive com o rosto totalmente sangrando debaixo de mim. Presei seu pescoço com as mãos. Seu rosto começava a adquirir um tom arroxeadado e ele lutava por ar.

A vida dele pela sua. Eu já podia sentir o diabinho sussurrando em meu ouvido. Incitando-me a ir mais firme.

Eu fui mais firme. Meus dedos enrolaram-se na carne pegajosa com o suor que brotava e escorria. Dedos apertaram minhas coxas; unhas curtas tentaram atravessar o meu jeans; punhos fracos ansiavam ferir ainda mais o meu rosto.

Mais firme.

Um urro de dor masculino ecoou pelo ar. Virei minha cabeça a tempo de ver Azael ao chão, segurando sua coxa onde um corte profundo empapava de sangue sua calça escura. Ao lado dele, Samantha cambaleava com a faca de Marcel em mãos.

Sorrimos um para o outro e ela gritou "Cuidado!" no mesmo instante em que Marcel me pegava de surpresa e direcionava-me um soco logo abaixo do queixo.

Caí com as costas na areia, lutando para me reequilibrar. Outros golpes me foram desferidos, dos quais maioria deles eu conseguia me defender. Me livrando dele, rolei no chão e peguei uma das armas que havia caído.

Apontei.

Engatilhei.

Respirações pesadas dominavam os movimentos oscilantes do meu peito. Suor banhava a minha testa e poeira cobria toda a minha roupa. Eu sabia como empunhar uma arma. Havia crescido em ruas escuras e violentas, lutava cada dia pela sobrevivência. Com um pai bêbado e violento dentro de casa, eu tinha que me defender. Nunca fizera uma vítima fatal, mas eu estava disposto a fazer naquela noite.

— Fuja, Sam! — orientei apressadamente, meus olhos ainda fixos em Marcel, calculando cada movimento. — Eu darei um jeito neles.

— Eu não vou deixar você aqui! — ela balançou a cabeça com veemência. — Estamos nessa, juntos.

— Me ouça, Samantha — insisti. — Corra!

— Não, Derek, eu não vou deixar você.

Marcel chamou minha atenção quando riu. Uma risada feia e grotesca que fez o meu estômago se revirar. Com a arma ainda preparada em minhas mãos, vi de relance Samantha se apressar em empunhar a faca no pescoço de Azael.

— Vocês dois são deprimentes — ele provocou. — Acabe com isso logo de uma vez, homem. Mate-me e leve a prostituta com você.

Ódio cru e letal me corroeu por dentro, contudo não deixei transparecer. Samantha estava longe de ser uma prostituta. Ele a havia iludido com um mundo cheio de glamour e diamantes. Ela era apenas uma mulher inocente que caíra em suas garras.

— O que foi? Não tem coragem? — outra risada. — Eu sou Marcel Bloom. Meus homens irão atrás de vocês. Eles os matarão, Derek. Portanto, acabe logo com isso.

Uma movimentação estranha seguiu suas palavras. Direcionando meu olhar para o lado oposto, avistei os faróis de outros automóveis evidenciando a chegada de mais homens.

— Droga! — resmunguei, já me preparando. — Corra para o carro, Samantha. Agora!

Alarmada, ela soltou Azael e correu em direção ao SUV blindado que Marcel havia deixado estacionado poucos metros dali.

Marcel continuava a sorrir tranquilamente ao me observar segui-la. Eu ainda mantinha a arma apontada em sua direção, garantindo que nenhum dos dois homens se levantassem.

No momento em que eu entrei no carro e assumi o volante, Azael se levantou, vindo em nossa direção. Girei a chave já inserida na ignição e dei partida no carro, a borracha rasgando o asfalto.

Tiros ecoaram atrás de nós e uma caçada insana no meio da pista se iniciou. Os faróis emitiam uma luz clara e cegante, atrapalhando a visão do que vinha logo atrás, mas não o suficiente para me intimidar. *Eu salvaria ao menos ela.*

— Eles estão vindo atrás de nós! — Samantha olhava para trás, agora muito mais assustada.

— Mantenha-se abaixada — orientei. — Darei um jeito de despistá-los.

Era madrugada e o tráfego de automóveis praticamente não existia. O que impossibilitaria de nos camuflarmos no meio da pista.

— Eles vão acabar conosco, Derek.

Olhei pelo retrovisor e havia dois carros atrás de nós. Os tiros começaram a se tornar ainda mais altos à medida que se aproximavam, raspando na lataria blindada de Marcel.

Virei-me para ela.

— Você consegue dirigir? Consegue fazer isso?

— O que você vai fazer?

— Me diga, Sam, você consegue?

Ela balançou a cabeça em afirmativa.

Atentando para ainda manter a velocidade, permaneci em meu lugar, manipulando os pedais do carro, enquanto ela se curvava desconfortavelmente para assumir o volante.

Peguei a arma e a preparei. Segundos depois eu começava a atirar para fora, mirando um ponto logo atrás. Os vidros dos outros automóveis provavelmente eram blindados, portanto acertei nos pneus — nos dois dianteiros. Um dos carros fez uma derrapagem brusca, mas manteve-se a todo vapor.

Percebi que em um deslize eu havia reduzido a velocidade, o que deu chance para o outro carro se aproximar de nós. O motorista teve a infeliz ideia de colocar o corpo para fora da janela e mirar em mim. Sem pensar duas vezes, acertei-lhe um tiro.

Pneus entortaram, direção ziguezagueava e os dois automóveis colidiram fortemente um com o outro bem atrás de nós. Ambos, sem controle, começaram a pegar fogo. Samantha

gritou assustada, assim que a nuvem de fumaça e calor se seguiram.

Assumi o controle do volante novamente e um sorriso trêmulo despontou em meus lábios. A minha primeira vontade foi de gritar. Extravasar até o limite. Bater no peito e dizer àquele bastardo filho da puta que eu havia vencido. Eu matei os seus homens e aquele inferno havia acabado.

Eu ainda sorria quando alcancei a mão nervosa de Samantha e beijei seus dedos trêmulos. Nós ainda tínhamos uma segunda chance para sermos felizes.

Mas o meu sorriso não se manteve vivo por muito tempo.

Bastou apenas um olhar pelo espelho retrovisor para que eu conseguisse avistar um terceiro automóvel.

— Puta que pariu! — soquei o volante com força. *Eles não brincavam em serviço.*

Havia, mais ou menos, dois caras dentro do veículo, pelo que pude notar.

— Derek, eles vão nos matar! — ela voltou a se desesperar, as lágrimas escorrendo por seu rosto. — Oh, Deus, vamos morrer...

— Eu não vou permitir que eles façam nada com você, ouviu bem? — passei uma mão em seus cabelos, tentando acalmá-la, conforme manipulava o volante com a outra, indo o mais rápido possível.

— Não há como escapar, Derek.

Realmente não havia como escapar. Parei bruscamente ao olhar para o painel e perceber que o combustível havia chegado ao fim.

Porra, era só o que faltava!

— O-o que houve? — ela indagou com voz trêmula.

Suspirei e recostei a testa no volante do carro, tentando pensar em algo. Eu tinha que ser rápido. Forçar o carro a ir mais alguns metros adiante não iria funcionar. Eu teria que acabar com aquilo, ali. *Naquele exato momento.*

Ergui a cabeça e me virei para ela.

— Escute bem, Sam — tomei seu rosto entre minhas mãos. — Fique no carro. Os vidros são blindados. Não saia! Eu darei um jeito neles e voltarei para você.

— Derek, o que você vai fazer?

— Acabar com eles.

Ela ficou ainda mais tensa.

— E se te ferirem?

— Eles não vão fazer nada comigo. Confie em mim.

— Derek...

— Você confia em mim, Sam? — insisti olhando bem dentro dos seus olhos.

Relutantemente ela meneou a cabeça em afirmativa.

— Tenha cuidado — disse. — Eu amo você.

— Eu também te amo.

Dei-lhe um beijo rápido nos lábios e a deixei com a faca, enquanto pegava a pistola. Eu estava ferido dos golpes que Marcel me dera, porém ainda conseguia andar e me manter de pé. As coisas teriam que dar certo ou morreríamos os dois.

O outro veículo já havia parado a apenas alguns metros de distância de mim. Observei atentamente quando um dos homens saltou de lá. Em sua expressão facial havia uma frieza que eu conhecia perfeitamente bem. Eu sabia identificar a sede de morte no rosto de alguém. E aqueles caras matavam por esporte.

— Entregue-se, Rushell — disse o homem, sem delongas.
— Aproveite enquanto o chefe ainda lhe quer vivo.

— Eu prefiro morrer a ter que me submeter às ordens de Marcel.

Ele riu, cuspiando no chão.

— Você está soando patético, Rushell. Tudo isso por conta de uma vagabunda.

— A sua opinião pouco me importa — retruquei. — Vamos começar o banho de sangue agora ou você está esperando que eu chute este seu traseiro primeiro?

Sua expressão voltou a se fechar.

— Nós só queremos a garota. Nos deixe levá-la.

Fitei o rosto do homem à minha frente. A cor dos seus olhos eu não conseguia identificar, pois estava escuro e distante o suficiente para isso, mas notei que ele era jovem. Mais ou menos a minha idade ou até alguns anos mais novo. Seus cabelos eram loiros e bem alinhados. Limpo e engomadinho demais para o meu gosto.

Firmei meus dedos na arma e preparei-me para usá-la a qualquer momento. Eles estavam em maior número e eu sabia que a probabilidade de virar uma peneira humana era absurda, mas eu não deixaria que eles fizessem nada contra Samantha. Aquilo era questão de honra.

— Para isso, você terá que passar por cima de mim primeiro.

Ele fitou-me por um breve momento e a expressão de diversão deu lugar à irritação.

— Eu avisei, Derek — sibilou. — Depois não reclame.

O loiro deu ordens para que o outro homem saísse do carro e avançasse em busca de Samantha e, assim, eu ergui imediatamente a minha arma. Eu não sabia quanto de munição ainda tinha naquela pistola, portanto os tiros teriam que ser certos, em pontos fatais. Eu poderia morrer a qualquer momento, mas eles não alcançariam Samantha.

O som estrondoso do primeiro tiro ecoou no momento em que acertei o homem no peito, impedindo seu percurso até a minha mulher. A arma deslizou de sua mão. Ele gemia de dor e xingava alto.

Aproximei-me do seu corpo ofegante e apanhei sua pistola caída ao chão. Dando nele um chute certo, evitei que se reerguesse.

— Eu nunca imaginei que você fosse ser tão fraco, Carl — zombou o loiro, fitando o comparsa ao chão, sem piedade alguma.

O tal cara — Carl — tentou se levantar mais uma vez, seus olhos raivosos:

— Eu vou te mat... — o calei, disparando duas vezes contra seu peito.

Mais uma vida que era levada embora pelas minhas próprias mãos. Não houve compaixão, nem arrependimento. Aquilo era guerra e eu já havia alcançado o meu limite.

Foquei imediatamente no loiro a alguns metros de distância e capturei o momento em que ele apontou sua pistola em minha direção, ansiando me atingir.

Era assim que ele queria brincar? Pois brincaríamos.

Mirei as duas armas no bastardo prepotente e comecei a atirar. Um disparo após o outro. Literalmente uma chuva de balas. O barulho era ensurdecador, como uma sinfonia em meio ao caos.

Ele escondeu-se atrás do veículo e começou a disparar em minha direção. Eu não tinha mais noção de tempo, não tinha mais noção de espaço. Eu só queria atingi-lo. Queria matar todos eles e nos livrar daquele inferno.

O homem arfou quando uma das minhas balas atingiu o seu ombro. Permanecendo escondido atrás do veículo, ele ainda tentava me acertar.

Filho da puta covarde.

Continuei com a minha missão, chegando cada vez mais perto. A sede de sangue, mesclada ao desespero e instinto de proteção saturando a minha mente. Para meu azar, ouvi o clique indicando que as munições de uma das armas em minhas mãos haviam acabado.

O loiro abriu um enorme sorriso e me surpreendeu ao sair de trás do veículo, batendo palmas em uma falsa congratulação.

— Impressionante — pronunciou com um riso nervoso. — Você é um bastardo resistente, Rushell.

Eu respirava pesado ao observá-lo trocar o cartucho de sua arma. No mesmo instante eu ergui a outra que possuía, torcendo para que ainda estivesse carregada.

— Boa sorte para você, Derek. Um de nós sairá morto daqui e espero que não seja eu.

E então, sem mais palavras, ele mirou sua arma em minha direção. Segundos após, estava apertando o gatilho.

O som foi estrondoso. Ecoou alto. Rompeu forte. As ondas sonoras pareciam se propagar no espaço ou era apenas a minha mente embebida pela sede de sangue, entorpecida pelo desejo cru de tirar a vida daquele homem. A dor nos meus

músculos não me abalou. O som do tiro não me incomodou tanto assim. Mas houve algo que feriu os meus ouvidos:

O grito.

Aquele grito agudo.

Aquele grito feminino.

Um grito que chamava o meu nome.

Parecia que tudo ocorria em câmera lenta quando me virei e avistei Samantha ensanguentada ao chão. Ela arfava e uma mancha enorme de sangue empapava seu peito.

Ele havia mirado nela. Como eu não havia visto quando ela saía do carro?

Inferno!

— Samantha! — comecei a correr até ela e, antes mesmo que eu lhe alcançasse, senti o impacto e algo quente e duro perfurando o lado esquerdo das minhas costas.

Caí de joelhos no asfalto frio, mas consegui me arrastar a fim de chegar até Samantha. Eu tinha que salvá-la.

— Você nunca desiste, não é? — ele gritou e, segundos após, outro projétil perfurou a minha carne.

Urrei com a invasão, minha visão ficando embaçada, minha mente ficando turva. Contudo, não parei até que estivesse do

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Broken | Quebrando Regras 01: Almas Qu..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).